

# Esperança renovada

SAMANTA SALLUM

E HELENA MADER

DA EQUIPE DO CORREIO

O Distrito Federal tem doadores de órgãos suficientes para atender à demanda dos pacientes que precisam de rins e córneas. E quando a morte se transforma em vida. Uma triste estatística pode se tornar numa boa notícia para quem aguarda na fila de espera por um transplante. Todos os anos, 3.500 pessoas morrem nos hospitais públicos da capital, por não resistir a enfermidades e ferimentos, mesmo depois de receber atendimento. Desse total, 10%, ou 350 pacientes, têm morte cerebral — o coração continua a bater mas o cérebro já não funciona. Essa é a condição primordial para que os órgãos possam ser transplantados. No entanto, por falta de equipamentos, os médicos não podiam detectar a morte encefálica, o que impedia a doação de órgãos.

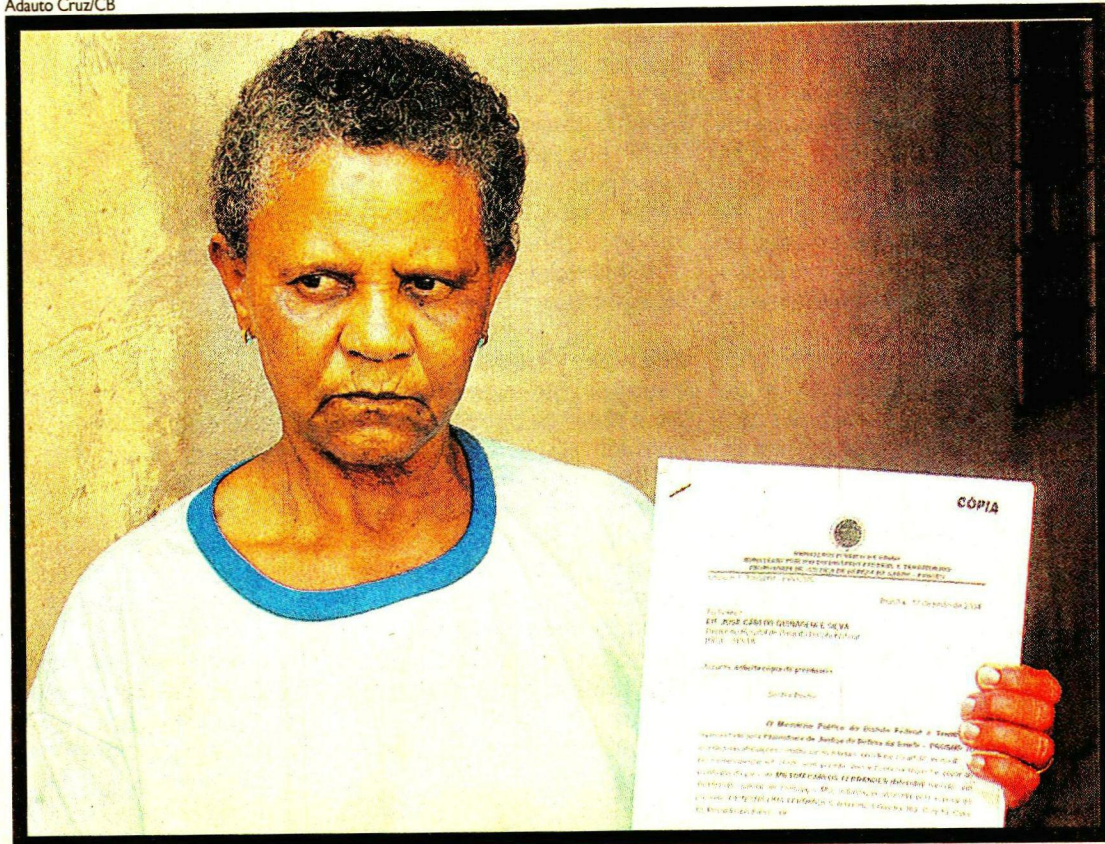
Sem condições de fazer o diagnóstico preciso, os profissionais de saúde não podiam nem abordar as famílias de potenciais doadores. Mas a Secretaria de Saúde garante que a situação já começa a mudar com a aquisição de dois aparelhos: o Doppler e o eletroencefalograma portátil. Os equipamentos foram recentemente comprados e estão no Hospital de Base. Segundo Lúcio Lucas Pereira, chefe da Central de Captação de Órgãos, pelo menos 30% das famílias dos potenciais doadores — isso significa 105 por ano —, aceitam realizar a doação.

Para tentar aumentar as notificações de morte cerebral e melhorar as estatísticas do programa de transplantes, o secretário de Saúde, José Geraldo Maciel, reuniu todos os diretores de hospitais regionais do Distrito Federal há cerca de 20 dias e determinou agilidade no funcionamento das comissões intra-hospitais de doação de órgãos e tecidos. “Não tínhamos a notifica-

ção do doador por falta de aparelhos. Mandeí comprar e agora será possível identificá-los, e poderemos dobrar o número de transplantes renais no DF”, afirma o secretário de Saúde. Cerca de 800 pacientes renais aguardam por um transplante no Distrito Federal. Enquanto esperam pela cirurgia, eles precisam se submeter a longas e dolorosas sessões de hemodiálise, pelo menos três vezes por semana.

A compra dos aparelhos que facilitam o diagnóstico de morte encefálica é uma das medidas para retomar o programa de transplantes no DF, que vinha definhando nos últimos seis anos. Série de reportagens publicada pelo **Correio Brasileiro** entre os dias 2 e 9 de abril mostrou que o número de cirurgias renais realizadas no ano passado foi 60% inferior ao registrado em 2000. Apenas 29 pacientes receberam um novo rim em 2005. Nesse mesmo período, os gastos com hemodiálise cresceram 50%.

Adauto Cruz/CB



OLINDINA FERNANDES PRETENDE ACIONAR A JUSTIÇA: MARIDO MORTO POR FALTA DE AMPARO DO ESTADO